

Falido, mas sem dívidas

Há seis meses, o açougue de Joubert Viana vendia 14 mil quilos de carne por semana. Na agonia do fim, só tinha compradores para 500 quilos semanais.

Houve um dia em que Joubert recebeu um cheque de irrisórios R\$ 2,20 — que o freguês mandou sugar em seguida.

Um mês depois, assim que o sufoco diminuiu, o emitente do cheque fez questão de honrar a dívida. Maus tempos.

“Quem comprava 10 kg de carne, passou a comprar 2 kg. Agentei até onde pude, na esperança de que o pesadelo acabasse algum dia. Desisti da esperança”, suspirava Joubert, na sexta-feira, antes de fechar as portas pela última vez.

Joubert tentou vender o açougue. Vale R\$ 50 mil, mas ele aceitava até R\$ 15 mil. Ninguém quis.

Na sexta-feira, último dia do açougue Diskarne, o dono, que vendeu três carros e o celular para quitar dívidas, fez questão de pagar mais uma.

Orgulho — Telefonou para a proprietária de um frigorífico e se dispôs a pagar em vale-refeição

uma dívida de R\$ 520. A dona disse que não aceitava. Joubert informou que estava fechando as portas. A moeda foi imediatamente aceita.

“Fecho as portas tendo recebido uns R\$ 3 mil em cheque sem fundo. Mas saio sem dever nada a ninguém”, orgulha-se.

Já Divino Gomes, proprietário do incrível cheque pré-datado de R\$ 1,00, foi obrigado a abandonar o orgulho.

“O povo de Brasília perdeu a vergonha de dar cheque sem fundo. Até eu fui obrigado a isso. Se não me pagam, como vou pagar?”, pergunta Divino, que viu o movimento de sua loja de auto-peças cair “uns 90%”.

A constatação de que todo mundo é credor

de um e devedor de outro fez nascer uma inesperada solidariedade. Divino prefere não divulgar o nome de quem lhe deve e muito menos o da cliente que lhe deu o pré-datado de R\$ 1,00.

Diz apenas que a professora ganha R\$ 1.030 e deve R\$ 5.600 ao BRB. “Todo mês, o banco confisca o salário dela todinho, coitada”, lamenta Divino.

